

Contas externas preocupam FGV

por Vera Saavedra Durão
do Rio

Os economistas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) estão preocupados com o fato de que, no primeiro semestre, não houve melhora substancial na supressão do déficit em conta corrente do balanço de pagamentos do País. A "Carta do Ibrel" (editorial da revista Conjuntura Econômica, de julho) adverte que o problema tenderá a se agravar se o governo não adotar uma "política agressiva" para o mercado externo, segundo semestre.

O documento considera superada a previsão oficial de um "hiato de recursos" de US\$ 800 milhões em conta corrente, em face do fraco desempenho da balança comercial. Avalia, entretanto, que não será "um mau resultado" se o déficit ainda existente nas contas de mercadorias e serviços se mantiver ao nível do ano passado (US\$ 2,1 bilhões). Mas destaca que "mesmo esta equivalência não está assegurada, podendo o hiato voltar a ampliar-se se,

não for atentamente acompanhado o comportamento das contas externas até dezembro".

REFLEXOS NEGATIVOS

O fato de o País ainda necessitar de recursos para cobrir a compra de mercadorias e serviços pode, na avaliação do Instituto Brasileiro de Economia (Ibrel), ter reflexos negativos no exterior, "ensejando um possível endurecimento das condições exigidas pelos banqueiros externos na renovação dos empréstimos". Os economistas da FGV consideram fundamental, para que isto não aconteça, que o governo não se afaste da meta de eliminar o déficit em conta corrente.

Mesmo qualificando o quadro comercial como "indubitavelmente difícil", a "Carta do Ibrel" indica uma saída: viabilizar uma rápida recuperação do rit-

mo das exportações brasileiras. Apesar das dificuldades crescentes, em função de práticas protecionistas, o economista Paulo Rabelo de Castro, redator-chefe da Conjuntura, previu para este jornal que "ainda há espaço para reverter o processo". Condenou, porém, a tentativa de busca de um superávit comercial através da contenção das importações, que levaria a um resultado "inflacionário e recessivo".

CONTENÇÃO DE SALÁRIOS

Duas práticas capazes de dar um novo impulso às vendas externas brasileiras e evitar uma ampliação de déficit em conta corrente são lembradas pelo editorial da Conjuntura: as desvalorizações cambiais frente ao dólar e a contenção nos reajustes de salários nominais. Estas medidas, conforme assinala o

documento, vêm sendo adotadas de forma generalizada por países desenvolvidos e em desenvolvimento, como forma de enfrentar a crise.

Rabelo de Castro lembra que "um câmbio mais realista favoreceria o fechamento do hiato de recursos", e uma política salarial mais flexível — pois salário implica custos para as empresas — poderia levar a condições melhores de competição do produto brasileiro no exterior e a uma política mais estável de emprego, como ocorreu no Japão. "Nesse país", destaca a "Carta do Ibrel", "o largo consenso social permitiu uma política de emprego estável acoplada a sacrifícios salariais temporários (depois compensados por bônus de produtividade) capazes de manter o custo de mão-de-obra bem abaixo de qualquer competidor externo."